

TRADUZIDO na China e no Japão, estudado em Paris e em Moscovo, recitado nas Américas, publicado em todo o Mundo, o maior vulto da literatura portuguesa contemporânea continua a revelar-se, 50 anos depois da sua morte, um mistério a desafiar biógrafos e especialistas. À medida que o século em que se afirmou se aproxima do fim, vão-se tornando cada vez mais raros de ouvir os testemunhos dos que o conheceram de perto, tanto nos círculos fechados da família como nos espaços públicos da criação artística. E a circunstância de os seus méritos e talento não lhe terem sido reconhecidos em vida apenas contribui também para que, ainda hoje, no centenário do seu nascimento, as revelações mais insólitas sejam possíveis quer sobre a obra quer sobre a vida de Fernando António Nogueira Pessoa. É como se, de algum modo, uma pergunta continuasse sem resposta: quem foi ele, afinal? Um poeta genial ou, acima de tudo, precisamente isso, uma pessoa única e singular, um percurso ainda não completamente revisitado?

Ao mesmo tempo que do baú em que deixou arrumada a maioria dos seus originais os estudiosos continuam a retirar novas e inesperadas facetas do artista, os últimos relatos possíveis de recolher junto de quem com ele privou podem ainda surpreender: o poeta, por exemplo, dizia-se «parente próximo» de Francisco Franco, generalíssimo de Espanha, como dizem dele, agora, que era «a cara chapada de Florindo Abelha», o prefeito de Asa Branca na telenovela «Roque Santeiro». E se, apesar de um esforço de investigação invulgar, a sua vida e obra se prestam a dúvidas e equívocos, do mesmo modo as circunstâncias que rodearam a sua morte insistem em alimentar incertezas...

Quem foi, finalmente, Fernando Pessoa? Como era na convivência com os outros? Que facetas da sua personalidade lhe conheceram parentes e amigos? Que traços mais marcantes recordam hoje companheiros mais ou menos chegados de aventuras e desventuras?

Perguntas e intenções

Terá sido o «pelintra», «infeliz e quase desconhecido», bêbado e desamparado que pretendem uns? Ou o «janota», de calça vinhada e sapato a brilhar, que não perdia uma «première»



testemunhos

Quem foi Pessoa, afinal? Que facetas da sua personalidade lhe conheceram parentes e amigos? Dos testemunhos possíveis de quem com ele privou fica um retrato dispar e surpreendente

Divididos na vida e na morte

Fernando Gaspar

e alimentava «peneiras de fidalguia», como asseguram outros? Um «filósofo profundo» que iluminou quem o quis escutar, ou o «gênio inútil» como o rotulam quantos lhe viraram costas? «Ocultista» e «iniciado», ou um «agente secreto» entre monárquicos ao tempo das juntas militares? Gostava realmente de crianças, ou não podia com elas, à semelhança dos cães e gatos que detestava? Frequentava prostíbulos, onde teria as suas eleitas, ou ficava-se por paixões pretensamente platónicas como a que terá alimentado por Ofélia Queiroz? Era «soturno» e «introvertido», «mau conversador», ou, pelo contrário, «afável» e «comunicativo», «bem humorado» até? Homossexual não assumido? Dependente do álcool e da cocaína? Ou prezava a saúde e começava o dia com «gínastica sueca e duches frios» para manter em forma uma «resistência invulgar»?

A avaliar pelo que ainda hoje se pode ouvir a quem, de mais perto ou mais longe, o conheceu, todas as respostas são possíveis. Nem é de estranhar que assim aconteça. Esta multiplicidade de testemunhos, se comprova a invulgar «pluralidade» de um autor que se exprimiu através de dezenas de «eus» — «senhor da posse plena do meu Gênio e da divina consciência da minha Missão», como afirmou — revela também concordância com as suas próprias palavras: «Não tenho princípios. Hoje defendo uma coisa e amanhã outra. Mas não acredito no que defendo hoje, nem amanhã terei fé no que hei-de defender. Jogar com as ideias e com os sentimentos sempre me pareceu um destino supramente belo.»

E a dificuldade, a impossibilidade talvez, de traçar com precisão os contornos da sua personalidade teste-

munhará, simplesmente, a mestria com que soube contruir a sua obra: «Criador de anarquias sempre me pareceu o papel digno de um intelectual», escreveu. E neste objectivo confesso terá ele posto o melhor das suas capacidades, para desespero de quantos pretendem hoje saber ao certo quando é que fingia ou fingia que não fingia. «O poeta é um fingidor», disse o próprio num dos seus versos mais conhecidos. E «fingir é conhecer-se», afirmou em prosa. «Mas atenção, era ele, afinal, o fingidor-mor!», como defendeu ao EXPRESO um dos seus contemporâneos...

Silêncio forçado

Hospital da Ordem de S. Francisco, no Porto, 16 e 30 horas de quarta-feira, 11 de Maio. À porta do quarto 307 um letreiro proíbe a entrada a estranhos. «Por ordem médica, não recebe visitas». O encontro com Alberto Serpa, último sobrevivente do grupo de intelectuais que fundou em Coimbra, em Março de 1927, a revista «Presença», é de todo impossível. A porta abre-se e é uma irmã do poeta quem primeiro vem explicar que o paciente recupera de uma broncopneumonia que o deixou «à beira da morte» 15 dias atrás. «Vou chamar a minha cunhada, é só um momento.» Pouco depois, Emília Serpa confirma, por seu lado, que, mesmo que quisesse contrariar as instruções do médico, o marido não está em condições de falar. «É quase um milagre estar vivo! É como se tivesse ressuscitado, graças a Deus!»

Desaparecidos que estão praticamente todos os nomes mais destacados do movimento presencista — José Régio, João Gaspar Simões, Branquinho da Fonseca, Edmundo de Bettencourt, Adolfo Casais

Monteiro, entre outros — que ao longo de 14 anos contribuiria para a divulgação da obra ortónima e heterónima de Fernando Pessoa, o silêncio forçado de Alberto Serpa é um derradeiro testemunho que se não ouve na evocação do escritor. Da mesma forma, a grande maioria dos seus companheiros mais chegados, nomeadamente os que com ele compartilharam aventuras literárias — do «Orpheu» ao «Portugal

Futurista», do «Exílio» e do «Centauro» à «Athena» e à «Contemporânea» —, não pode mais lembrá-lo.

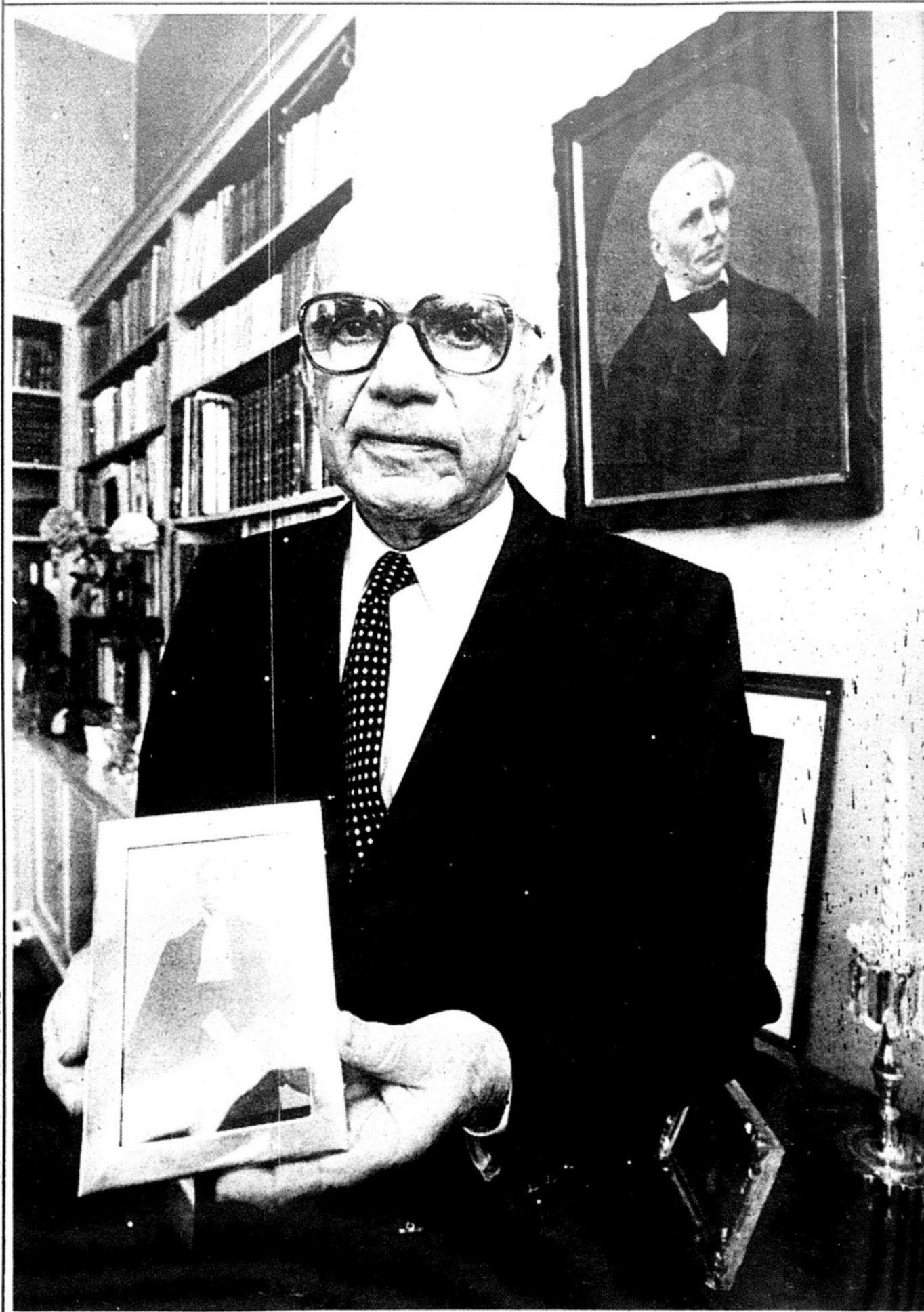
Hoje, relatos narrados na primeira pessoa só já os de alguns familiares, mais ou menos próximos, e os de um punhado de amigos, os mais novos que o poeta terá tido em vida. Neste cenário de escassez, que de ano para ano se agrava, apenas dois depoimentos marcados pela intimidade são ainda possíveis: o da

meia-irmã, Henriqueta Madalena, e o de Ofélia Queiroz, sua única paixão conhecida. A primeira, com 92 anos; apesar de uma impressionante frescura, nada de novo acrescenta agora ao que já repetiu «até à exaustão»; a segunda, ao contrário, não parece disposta a acrescentar pormenores novos às escassas confidências que prestou anos atrás, aquando da publicação da correspondência amorosa que trocaram, empenhando-se aparentemente em apagar todas as pistas que pudessem conduzir ao seu íntimo a curiosidade alheia.

Recordações antigas

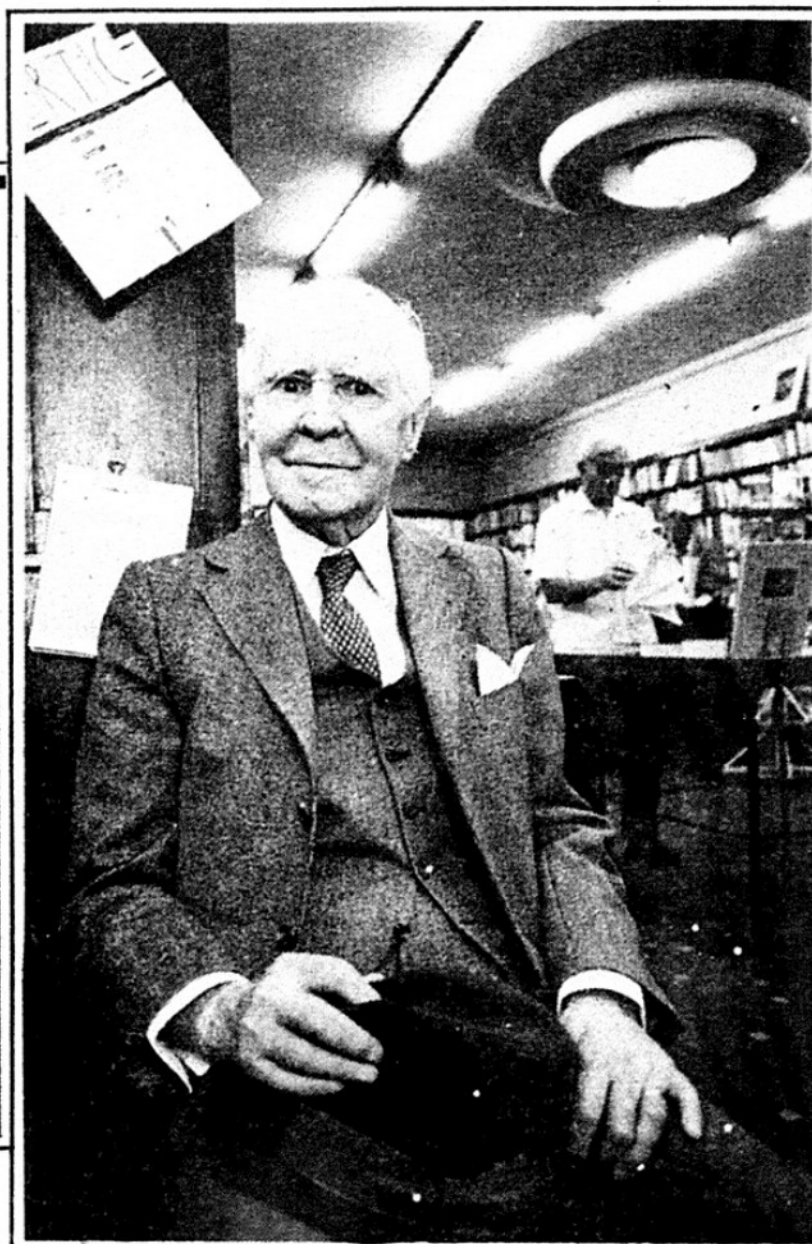
Apesar de estar de pé o prédio onde nasceu, às 15 e 20 horas de 13 de Junho de 1888, nada no 4.º Esq. do número 4 do Largo de S. Carlos, bem no centro de Lisboa, lembra que foi ali que Fernando Pessoa passou os primeiros cinco anos da sua vida. Talvez só o sino da igreja dos Mártires, mesmo ao lado, «dolente na tarde calma», continue em badaladas repetidas,

Os primos José Jayme Neves (na parede o retrato do





Costa Brochado, com Pessoa no «Martinho da Arcada» e hoje na «Sá da Costa»



António Pedro Ferreira

iguais à primeira, a evocar a «aldeia» onde o poeta se sentiu nascer. O edifício é hoje sede de uma empresa falida, a Companhia Portuguesa de Fornos Eléctricos, e o projecto anunciado de vir a instalar nele um futuro Museu Fernando Pessoa está dependente de o Estado exercer o seu direito de opção sobre a melhor oferta que a companhia venha a receber pelos locais.

Foi ali, também, que lhe morreu o pai, Joaquim Pessoa, um crítico musical, em 1893. A mãe, Maria Madalena Xavier Pinheiro Nogueira, casou por procuração em segundas núpcias dois anos mais tarde, embarcando em Janeiro de 1896, com o filho, para Durban, na África do Sul, onde o padraсто, João Miguel Rosa, passara a ser cônsul de Portugal. Deste segundo casamento nasceu,

em 1896, a primeira dos seus três meios-irmãos, Henriqueta Madalena, a única ainda viva e hoje depositária das mais antigas recordações sobre Fernando Pessoa.

«Mas as minhas memórias mais intensas não vêm daí. Eu era muito nova quando o Fernando veio estudar para Lisboa, em 1905. Recordo-me que era uma criança que gostava muito de se isolar no seu

próprio mundo, embora fosse dócil, inteligente e já cheio de personalidade — conta Henriqueta Madalena, a 'Teca' na intimidade. Só mais tarde, depois da morte do meu pai, quando vim de vez para Portugal com a minha mãe já doente e os meus dois irmãos (que estudariam e viveriam, depois, em Inglaterra), em 1920, é que voltámos a co-viver de perto. Foi quando viemos viver para a casa da Rua Coelho da Rocha, que o Fernando tinha alugado meses antes, em Campo de Ourique.»

Para além da irmã, os únicos parentes que recordam Fernando Pessoa, ainda vivos, são primos que o conheceram precisamente quando, por via do regresso da mãe e dos irmãos à sua companhia, retomou o contacto alargado com outros familiares. «Vinha almoçar ou jantar a casa dos meus pais todas as semanas», conta José Jayme Neves, um advogado com escritório na Rua Nova do Almada, seu primo em terceiro grau e filho do médico que terá assistido o poeta na sua morte. «As nossas avós eram irmãs, materna a dele, paterna a minha.» Fernando Pessoa frequentava, igualmente, «no mínimo uma vez por semana», a casa de outros primos, os Freitas da Costa e os Nogueira de Freitas. «A minha avó era irmã da mãe do Fernando, a tia Anica, talvez a sua tia preferida», recorda Helena Madalena Freitas da Costa Nogueira de Freitas.

Uns e outros o conheceram com olhos de criança e repetem dele imagens idênticas. «Quando aparecia era sempre uma festa! Pendurávamo-nos todos nele, ao pescoço e pelos braços, e era uma brincadeira pegada! — conta o marido, Fernando Godofredo da Costa Nogueira de Freitas, um coronel de Infantaria reformado. Recitava-nos versos,

dava bofetadas na cara a si próprio, se fosse preciso, para contar uma história, até os óculos lhe saltarem do rosto, e nós ríamos a bandeiras despregadas. Tinha imensa paciência. Ao pé dele as crianças estavam sempre bem dispostas!»

Mas o riso do «Íbis» ou «Fernando desponderado», como era conhecido nesses círculos íntimos da família, era um riso «contraído», lembra Helena de Freitas. «No fundo, acho que era uma pessoa muito tímida. Quando se ia embora púnhamo-nos todos à janela para lhe dizer adeus. Havia um candeeiro em frente e fazia sempre de conta que chocava contra ele, distraído. E antes que desaparecesse na esquina gritávamos-lhe: 'Ó Fernando, faz o íbis'. E ele, que tinha um ar muito sério, ainda mais engraçado ficava quando se punha naquela posição, com a perna no ar!»

Entre os familiares, as opiniões não se dividem, no geral. Para além desta «facilidade em entrar no mundo lúdico das crianças», irmã e primos lembram a sua «capacidade de inventar histórias e personagens, desde muito novo». Ao longo de anos, a irmã foi «o tenente francês», como um dos irmãos era «o pirata», os primos «o ibisoutro» e o «íbis combativo». Ao mesmo tempo, Fernando Pessoa é lembrado como um homem «muito reservado mas extremamente delicado, educadíssimo, um verdadeiro gentleman», segundo as palavras da irmã.

Aguardente e cocaína

Outro parente, mais afastado embora sensivelmente com a mesma idade, tem memórias ligeiramente diferentes. «Devia ter os meus 12, 13 anos, tinha aprendido a falar muito bem o inglês, em Moçambi-

que e na África do Sul, mas em gramática era um zero — conta o professor Calvet de Magalhães, um dos fundadores da Cooperativa de Ensino Árvore, no Porto. O meu pai, preocupado, falou com o Vitoriano Braga, que era primo direito do Pessoa e primo direito nosso pelo lado materno, e, com mais dois amigos, fui tomar lições de inglês com ele, três vezes por semana, num escritório onde trabalhava na Rua de S. Paulo.»

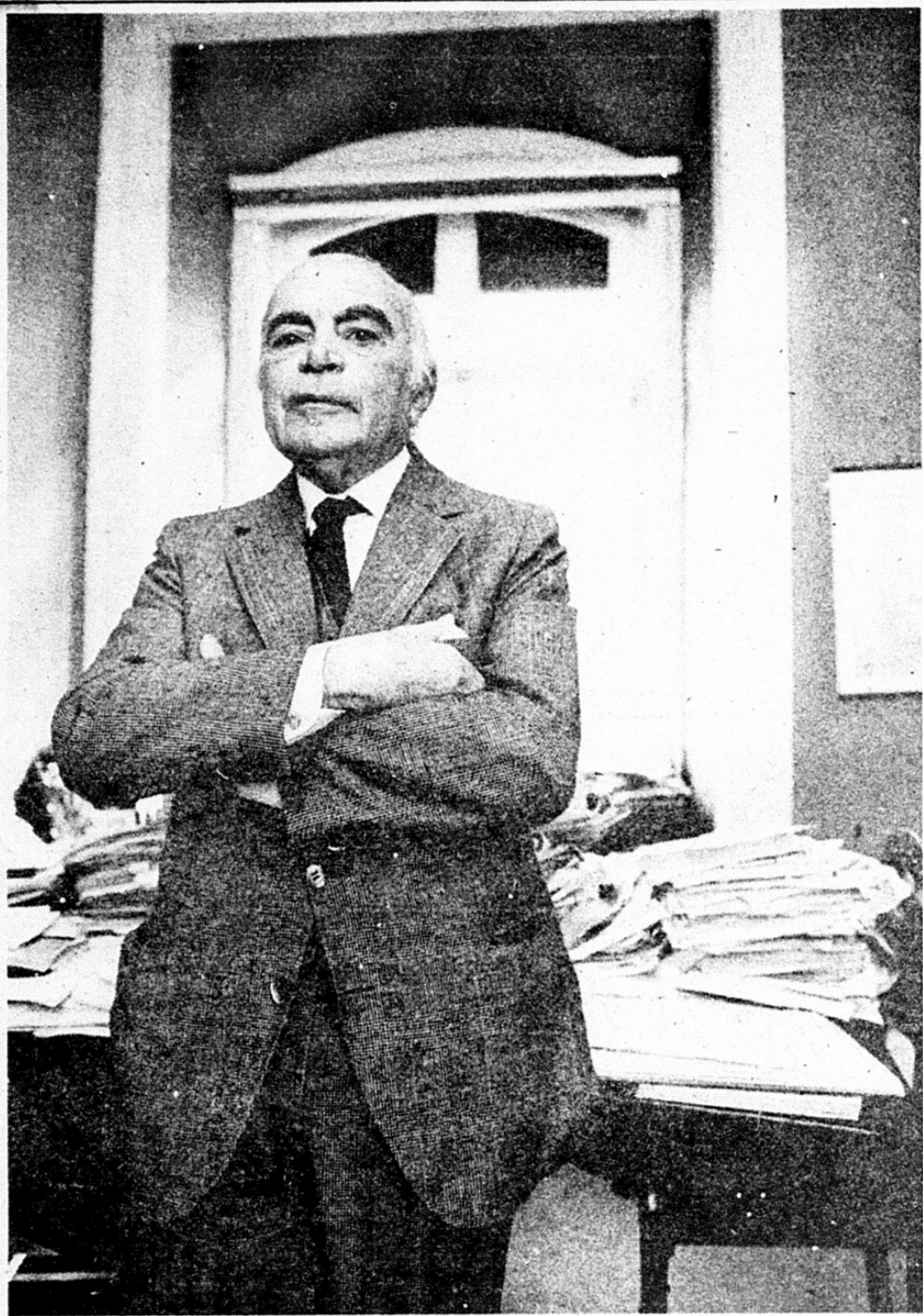
Calvet de Magalhães, que viria a tornar-se, mais tarde, no «primeiro editor» de Fernando Pessoa após a sua morte — «o que me haveria de custar ainda 15 dias de prisão, no Tórel, como resultado de um processo que a Ática nos moveu mas que não ganhou», lembra ele — recorda uma «impressão» de que nunca mais se esquecerá: «Era um tipo muito esquisito, que não olhava as pessoas de frente, coisa que sempre me impressionou muito. Para além disso, era um bocado careca, só tirava o chapéu quando se sentava, à nossa frente, para dar a explicação. Tinha sempre os dedos amarelos, de tanto fumar, e mandava um bafo a aguardente que era demais. As vezes, de resto, fazia um intervalo, entregava-me cinco tostões e mandava-me à Dona Maria, lá em baixo, buscar uma garrafa de branco e pirritos...»

Para o professor, aliás, nada disto surpreendia. «Lembro-me da mulher do Vitoriano Braga, que era filho do dr. Sousa Martins que tem estátua no Campo de Santa Ana — cuja casa o Pessoa frequentava e onde se faziam, segundo ouvia dizer, altas sessões de espiritismo e se consumia muita cocaína — me ter perguntado um dia: então, pequeno, tens aprendido alguma coisa com aquele bêbado?»

(Continua na pág. 50-R)

bisavô comum, nas mãos o do pai) e Nogueira de Freitas





António Pedro Ferreira

Luis Moitinho de Almeida: «Era a cara do Florindo Abelha»

«Ninguém o viu bêbedo»

(Continuação da pág. 49-R)

Bebia? Não bebia? São célebres os «vales à caixa», nos escritórios onde trabalhou como correspondente comercial; as «idas ao Abel» (um armazém de vinhos e bebidas brancas por baixo de um deles); como a dedicatória numa fotografia oferecida a Ofélia Queiroz («Apanhado em flagrante delitro») e a resposta a Luís Moitinho de Almeida, filho de um dos patrões: «Bebo como uma esponja, não. Como uma loja de esponjas, e com armazém anexo!» Unanimidade há apenas em torno do facto de que «nunca ninguém o viu bêbedo». Para uns, porém, lá que bebia, bebia, o que lhe terá, de resto, causado a morte precoce; para outros, ao contrário, «não bebia tanto assim, cultivava era essa fama, para chocar as pessoas, 'blagueur' como sempre foi»...

As divergências quanto à bebida não são as únicas a registar nos relatos dos que conheceram Fernando Pessoa. A sua ligação à família é outro pomo de discórdia. Se bem que os depoimentos

dos familiares ainda vivos apontem para um relacionamento «assíduo e afectuoso», outros defendem o contrário. «Tinha uma relação péssima com a família, que não queria saber dele para nada — sustenta Albertina Mourão, de 73 anos, proprietária do Martinho da Arcada, um dos cafés mais frequentados pelo poeta. Lembro-me perfeitamente dele, fazia daqui o seu escritório. Passava horas e horas metido com os seus papéis, um café e o bagaço na mesa, ou então à conversa com os amigos que sempre o rodeavam. A minha mãe dizia-lhe: 'Não pense tanto, senhor Pessoa!' Tinha muita pena dele. Sabia que era um homem de valor, mas muito abandonado. À noite convidava-o a vir para a nossa mesa, jantar. Ele di-

zia sempre o mesmo: só se for uma sopinha. Mas depois acabava por comer tudo...»

Idêntica opinião sobre este aspecto sustenta Luís Moitinho de Almeida, cujo primeiro livro de poemas (Acrónios) foi prefaciado por Fernando Pessoa, e para quem o poeta, «embora com um pouco menos de cabelo, era a cara chapada de Florindo Abelha». Opinião esta, de resto, corroborada pelos primos Freitas. E o próprio Calvet de Magalhães defende, também, que a relação do poeta com os familiares «era péssima, e apercebi-me disso sobretudo pelas conversas que ouvia em casa dos meus pais e dos meus primos».

A personalidade múltipla de Fernando Pessoa prestava-se a divergências

Molda-se às suas ideias

Transparente ou opaco em várias cores e com diferentes espessuras, o vidro acrílico da Paraglas permite-lhe obter, com perfeição, a forma adequada às suas múltiplas aplicações.

Painéis decorativos, iluminação de ambientes interiores e exteriores, instalações sanitárias e painéis publicitários, são apenas alguns exemplos que demonstraram já a grande "performance" do vidro acrílico da Paraglas.

Trabalhado em chapas, blocos, tubos, varões ou barras, é fácil de cortar, furar e moldar, apresentando uma óptima resistência às intempéries.

Duro e leve, com excelentes características ópticas, o vidro acrílico é o material ideal para dar forma às suas ideias.

Paraglas 
Uma beleza de acrílico

Paraglas Sociedade de Acrílicos, Lda. Apartado 10 P-2135 Samora Correia

de testemunho repetidas. Se num ponto todos parecem estar de acordo — «**ra-ros foram os que souberam apreciar o seu valor durante a sua vida**» —, em muitos outros as posições são opostas. A inimizade com António Ferro, por exemplo, que foi o primeiro editor do «Orpheu», escolhido para o cargo precisamente por ser «**o único menor do grupo, o que poderia evitar-lhes problemas com as autoridades**». Amigos do poeta, como Francisco Peixoto de Bourbon, o seu mais novo companheiro na tertúlia do Café Montanha, sustentam que «**foi a única inimizade que Fernando Pessoa manteve até à morte**». Ao contrário, Fernanda de Castro, a viúva do propagandista de Salazar e do Estado Novo, assegura que não: «**É verdade que o Fernando, que visitava muito o António enquanto o meu marido foi solteiro e viveu na casa dos pais, nunca veio a nossa casa depois de termos casado. Mas que foram amigos até ao fim, disso não tenho a menor dúvida!**»

Muitos outros aspectos da sua vida e obra são também polémicos. «**Há muitas ideias feitas à sua volta que não correspondem à verdade, e insinuam-se coisas, como um pretenso homossexualismo, que não passam de calúnias**», sustenta Peixoto de Bourbon, que conviveu com o poeta assiduamente ao longo dos seus últimos cinco anos de vida. «**No que respeita à sua maneira de ser e de estar na vida, o Fernando Pessoa era a antítese de tudo o que se tem dito dele — afirma o velho companheiro do Montanha. Um aristocrata no verdadeiro sentido da palavra, um puritano, um estóico e um espartano.**»

E não é, apenas, a «**personalidade plural**» do poeta que pode explicar tudo isso. Com frequência, quem o conheceu de perto acusa estudiosos e biógrafos de terem contribuído para tanto equívoco. «**Realmente, também achamos que é um pouco assim. O próprio João Gaspar Simões, autor da mais completa biografia sobre o tio Fernando, romanceou o trabalho, distorcendo factos, aqui e ali, só para poder provar as ideias preconcebidas que já devia ter à partida**», afirma Maria Manuela Nogueira, filha da irmã Henriqueta Madalena e sobrinha-neta do artista. Os primos Freitas da Costa são da mesma opinião. «**O meu irmão, Eduardo Freitas da Costa,**

(Continua na pág. 52-R)



António Pedro Ferreira



Francisco Peixoto de Bourbon, que foi o mais jovem companheiro de Pessoa na Tertúlia do Café Montanha, na Casa do Melhorado, em Celorico de Basto: «**Ele era a antítese de tudo o que se tem escrito sobre ele**». Calvet de Magalhães, em baixo: um «**bato de aguardente**» e um «**olhar de lado**» que o explicando não esqueceu

Vários aspectos por esclarecer

(Continuação da pág. 51-R)

que foi jornalista e era quem mais se interessava por estas coisas, na família, chegou mesmo a escrever um livro, Notas a uma Biografia Romanceada, repondo a verdade de muitos factos», lembra, por seu turno, Helena de Freitas.

Infâmias e disparates

«Mesmo o senhor Costa Brochado escreveu nas suas memórias uma série de infâmias. Não me admira. O Fernando Pessoa estava ligado com ele por causa da fotografia que o Brochado conseguiu tirar ao seu lado no Martinho da Arcada», acusa Peixoto de Bourbon.

Costa Brochado, outro jornalista que conheceu de perto Fernando Pessoa, defende-se: «Falei com ele muita vez, horas seguidas, no Martinho, com vista a publicar um conjunto de artigos no jornal 'A Verdade', que o António Ferro me convidara a dirigir. Um dia, não percebi bem porquê, mostrei-lhe os originais e ele, de repente, mudou de opinião e não deixou publicar nada daquilo», conta ele, no seu poiso habitual na Livraria Sá da Costa.

«O Pessoa tinha-me sido apresentado pelo António Ferreira Gomes, outro jornalista, que era muito seu amigo. Depois desse episódio, vi o Ferreira Gomes e disse-lhe: 'Afinal, o teu amigo Pessoa não sabe o que quer?' Sabe o que é que ele me respondeu? 'O homem, mas essa é a especialidade dele...»

Brochado é um dos mais acérrimos críticos de Fernando Pessoa. No seu entender, o poeta «não passou de um génio inútil», que não trouxe a Portugal «nada de novo, antes se limitou a repetir o que os filósofos alemães do iluminismo, o Nietzsche sobretudo, já tinham dito ao mundo». Para ele, «o culto pessoano a que hoje se assiste não passa de uma vergonha nacional, até porque revela a incultura de quantos se abismam com a sua obra!» A culpa de tudo isto, diz ainda Costa Brochado, «é da ignorância, um grande mal que ainda há-de matar este país...»

Na casa solarenga do Melhorado, nos arredores de Celorico de Basto, onde vive, Francisco Peixoto de Bourbon clama contra «infâmias e disparates desta natureza».

O interesse por Franco

O seu depoimento sobre os cinco anos de convivência com Fernando Pessoa é

dos mais ricos que nos foi possível registar, e as suas memórias são, de resto, frequentemente consultadas por estudiosos da obra pessoana. Para ele, Pessoa não era apenas «um escritor genial, mas um indivíduo ávido do saber, senhor de uma cultura e inteligência invulgares». Em sua opinião, «mais importante que a poética é a obra filosófica de Pessoa. Ouvi-lhe isso muitas vezes, eu e outros, e ele próprio achava que, uma vez ela publicada, Portugal passaria a ocupar o lugar a que tinha

juz!»

De acordo com o seu relato, «muitos aspectos da vida de Pessoa estão ainda por esclarecer devidamente»: o seu empenhamento político, por exemplo, e o atentado a que teria escapado por um triz, uma noite, no restaurante Irmãos Unidos que frequentava com assiduidade; as suas preocupações «ecológicas»; o seu «lúcido anti-americanismo», entre muitos outros. Um destes «aspectos por esclarecer» merece ainda hoje particular atenção a peixoto de Bour-

bon. Trata-se do parentesco que o poeta descobrira existir entre si e Francisco Franco, de Espanha, pelo lado Araújo.

«Pessoa sempre se interessou vivamente por questões relacionadas com a vida militar, tanto de Portugal como de Espanha. Em determinado momento, creio que em início de 1933, vi-o em grande agitação a propósito da chegada a Portugal de um grupo de foragidos políticos espanhóis, prisioneiros da República que se haviam escapado de um forte em Vila

Cisneros, no Sahara espanhol. Não descansou enquanto não lhes foi apresentado, o que acabou por ser fácil já que o cunhado, Caetano Dias, era capitão do exército.»

Segundo Peixoto de Bourbon, Pessoa começou a interessar-se por Franco quando este é promovido a general, com apenas 33 anos. «Achoi um extraordinário simbolismo que a sua promoção tivesse ocorrido com a idade com que Cristo foi crucificado e, ao estudar a sua figura, não só lhe previu um futuro brilhante com decisiva influência mundial, como concluiu que era, afinal, um seu parente próximo. Amigos comuns se encarregaram de demonstrar, ge-

nealógicamente, essa ligação mas, infelizmente, toda essa documentação está ainda por vir a público.»

Mais dez anos de vida

Se a vida do poeta se tem prestado a tantas posições dispare e, nalguns casos, contraditórias, é curioso que os depoimentos ainda possíveis de recolher apontem, igualmente, para «zonas menos esclarecidas» no que respeita à sua própria morte. Foi vítima de cirrose hepática, como consta da certidão de óbito? Faleceu realmente no Hospital de S. Luiz dos Franceses? «Não é verdade! — afirma Calvet de Magalhães. Adoeceu com uma crise, foi ao hospital, onde chegou a estar internado, mas depois, pelo seu próprio pé, foi para casa do meu primo Vitoriano Braga, onde veio, aí sim, realmente a falecer.»

As dúvidas não se ficam por aqui. São do domínio público rumores segundo os quais, aquando da transladação para os Jerónimos, em 1985, o seu corpo estaria «incorruto». «A ser verdade, e segundo me disse um ilustre clínico, essa circunstância destrói a hipótese de que teria morrido de uma cirrose hepática», segundo Peixoto de Bourbon.

De acordo com este seu amigo, o poeta teria «a noção de que a morte o andava a rondar». Conta Peixoto de Bourbon que «por essa altura estava ele cheio de projectos como nunca e pedia a Deus que lhe desse mais dez anos de vida para poder completar o muito trabalho de lima e de torno, como dizia, que a sua obra requeria.»

Que Fernando Pessoa pensava na sua própria morte provam-no os inúmeros horóscopos que elaborou sobre si mesmo. Num deles, curiosamente, chega a prever a data para Maio de 1935. «Esta diferença de seis meses entre a previsão e a sua morte de facto pode ser o resultado de uma diferença de dois minutos apenas na hora exacta do seu nascimento», explicou ao EXPRESSO Paulo Cardoso, um especialista em astrologia que estuda, há seis anos, os cerca de 2700 documentos encontrados no baú e que constituem o «espólio astrológico» do poeta, a editar brevemente.

E no horóscopo em causa, foi o próprio Fernando Pessoa que concluiu que seria vítima de «doença rápida e violenta, relacionada com os rins» mas que a sua morte ocorreria «não num hospital»...

Carta inédita de Fernando Pessoa a um amigo (Vitor Lopes): frases enigmáticas como tantos outros aspectos da sua vida

Meu querido Victor,
Se eu fosse um homem, já não
seria mulher. A razão é simples:
ter-me-hia suicidado.
A sua pontualidade, porém,
seria a responsável d'esse
trágico e inevitável fim.
Deixei os 2 cartos para
o homem que é só osso e
a alma curta para o que
acaba em Cristo.
Não fiz envelopes puros,
quanto ao material, o con-
trato não caberia no en-
velope, e, quanto ao es-
piritual, não sei a medida.
Muito seu
Fernando Pessoa,
23/3/1929
10 HORAS
(= 9½ + ½).